CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
17 de Junho de 2025

JIM THORPE - ALL AMERICAN / 1951 (*O Homem de Bronze*)

Um filme de Michael Curtiz

Realização: Michael Curtiz / **Argumento:** Douglas Morrow e Everett Freeman, a partir de uma adaptação de Morrow e Vincent X. Flaherty da biografia de Jim Thorpe escrita por Russell Birdwell / **Diálogo Adicional:** Frank Davis / **Direcção de Fotografia:** Ernest Haller / **Direcção Artística:** Edward Carrere / **Música:** Max Steiner / **Montagem:** Folmar Blangsted / **Interpretação:** Burt Lancaster (Tim Thorpe), Charles Bickford ("Pop" Warner), Steve Cochran (Peter Allendine), Phyllis Thaxter (Margaret Miller), Dick Wesson (Ed Guyac), Jack Big Head (Little Boy), Suni Warcloud (Wally Denny), Al Mejia (Louis Tewanimà), Hubie Kerns (Ashenbrunner), Nestor Paiva (Hiram Thorpe), Jimny Moss (Jim Thorpe Jr.), etc.

Produção: Warner Brothers / **Produtor:** Everett Freeman / **Cópia:** em 35 mm, preto e branco, legendada eletronicamente em português / **Duração:** 105 minutos / **Estreia Mundial:** Junho de 1951 / **Estreia em Portugal:** Politeama, 23 de Julho de 1953.

Jim Thorpe foi um dos maiores desportistas de todos os tempos, tendo conhecido os seus "momentos de glória" nas Olimpíadas de 1912, em Estocolmo, quando venceu as provas do Decatlo e do Pentatlo. Pouco tempo depois, essa glória seria-lhe retirada quando se descobriu que em certa altura tinha recebido dinheiro para jogar "baseball", e como naqueles tempos o espírito olímpico era bem mais rígido do que é hoje, não houve qualquer complacência, sendo Thorpe desclassificado e obrigado a devolver as medalhas e as taças conquistadas. Medalhas e taças essas que, mostrando como os Jogos Olímpicos já foram sobretudo uma questão de cavalheirismo, os segundos classificados sempre se recusaram a receber. Com o evoluir do desporto e das Olimpíadas em particular chegou-se a uma altura em que os motivos da desclassificação de Thorpe pareciam simplesmente ridículos, e a injustiça seria simbolicamente reparada nos anos 80, já depois da morte do atleta.

É a história de Thorpe que conta o filme de Michael Curtiz. O estilo geral segue à risca as convenções do "biopic" e da "biografia autorizada", não desdenhando por um lado a faceta "hagiográfica" (a pureza de espírito sublinhada como um dos traços fundamentais de Thorpe) por outro uma tentação iconográfica (as poses "heróicas" de Thorpe, sobretudo quando filmadas em contra-picado). No limite, o objectivo que se persegue está directamente relacionado com estas duas vertentes, e a tentativa de "endeusamento" de Thorpe é o factor que mais se realça, sobretudo através do qualificativo de "all american". Aqui entramos num outro plano, talvez o mais interessante para uma abordagem da obra, e que terá mais a ver com a ideologia de Hollywood e a sua construção de "mitos americanos". É que Thorpe era nativo-americano, "índio", e chamar-lhe "all american" como elogio supremo não deixa de ter conotações desagradavelmente racistas: como se à "americanidade" só se pudesse aceder através de feitos extraordinários.

O filme leva-nos, portanto, para o campo do "inconsciente" hollywoodiano. Procurando colocar-se

contra o racismo (alguns apontamentos referem explicitamente a condição índia) não deixa de reflectir a mentalidade arraigada segundo a qual "americanos" não são todos os que nascem na América. Thorpe, sendo nativo (nascido nas tão americanas "reservas"), tem que lutar pelo direito ao reconhecimento enquanto americano; que o filme, implicitamente, acerte essa necessidade como um facto natural é a maior reserva que, do foro ético, se lhe pode apontar. Ou seja, apresentando o caso de Thorpe como uma vitória sobre o racismo, é esse mesmo racismo que o filme legitima, ao salientar que para um índio poder ser "all american" tem que o "merecer". Não há qualquer reflexão sobre isto: a ideia é destilada com toda a naturalidade, como se fosse evidente que as "coisas são mesmo assim".

Ainda no campo do tal "inconsciente" de Hollywood, **Jim Thorpe - All American** não deixa de apresentar hoje em dia curiosos paralelismos com o recentíssimo **Forrest Gump** de Robert Zemeckis. A um nível mais imediato, temos a similar afirmação pelo desporto, mais concretamente pela corrida: como Gump, Thorpe descobre a corrida como o melhor escape para a sua inadaptação, e é em cenas quase decalcadas a papel químico que a sua vocação é descoberta pelos treinadores. Mas para além desse nível que motiva as primeiras comparações há outros pontos, porventura mais importantes, que nos permitem definir as características de um certo modelo de "herói americano" privilegiado, ontem como hoje, por alguns sectores de Hollywood.

Assim, podemos notar que:

a) Thorpe, o índio, e Gump, o deficiente mental, têm que lutar pela sua dignidade, como se o desenquadramento em padrões de "normalidade" tivesse que ser contrariado, ou superado, pela afirmação individual; ou seja, o "anormal" tem que merecer a sua integração.

b) Thorpe e Gump partilham uma "inconsciência" que os leva a nunca reconhecer a sua posição na sociedade e no sistema, não pensam *demasiado*, agem sobretudo conforme a sua natureza, e do seu comportamento está geralmente ausente qualquer reflexividade.

c) Quer um quer outro fazem o que fazem por puro pragmatismo, movidos por um desejo de normalidade: Thorpe (não falamos, obviamente, do Thorpe da vida real mas do Thorpe-ícone que aqui é proposto) quer arranjar um emprego para se poder casar, e as motivações de Gump são aproximáveis. Ou seja: nenhum deles luta pelo direito à sua diferença mas pela aquisição de um estatuto que a permita apagar; querem ambos, no fundo, *entrar* no sistema.

Concluiríamos então que o "herói americano" tal como aqui é proposto distingue-se, afinal de contas, pela sua normalidade: já não "half american" mas "all american".

Nestas considerações marginais reside o maior interesse do filme de Curtiz, que não parece ter levado o encargo de maneira muito entusiasmada. Filme rotineiro que raramente empolga e onde algumas boas ideias são sub-aproveitadas: por exemplo, a imagem de Jim Thorpe caído em decadência e ganhando a vida num bar, onde vestido com trajes tradicionais conta os seus feitos passados, num misto do Emil Jannings do **Anjo Azul** de Sternberg e da Lola Montes de Ophuls. Um dos raros momentos em que Thorpe se transforma, por instantes, num ser humano, mas um momento que logo se esvai.

Luís Miguel Oliveira

(texto redigido em 1995, no contexto de um ciclo dedicado a Burt Lancaster).